



Alves Pereira Júnior, Paulo

ENTRE AS FRONTEIRAS DO BRASIL E DO PARAGUAI: A CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE *BRASIGUAIA*

Revista Paraguay desde las Ciencias Sociales, revista del Grupo de Estudios Sociales sobre
Paraguay, n° 5, 2014, pp. 18-35.

*Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe, Universidad de Buenos Aires
Argentina*

Disponibile en: <http://www.grupoparaguay.org/revista>

RECIBIDO: JULIO 2014

ACEPTADO: OCTUBRE 2014

Entre as fronteiras do Brasil e do Paraguai: a construção da identidade
*brasiguai*¹

Paulo Alves Pereira Júnior

Universidade Federal da Integração Latino- Americana (UNILA)

paulopereira_pf@hotmail.com

Palabras clave: Identidad, Brasiguayo, Frontera, Brasil, Paraguay.

Resumen

Desde la década de 1950, muchos brasileiros migraron a Paraguay debido a los bajos precios de la tierra y por las mejores condiciones de vida ofrecidas allí. Habiendo la facilidad de obtener grandes cantidades de tierra, los inmigrantes brasileños formaron varias colonias, y a su vez introdujeron sus tradiciones culturales (su lengua, sus canciones). Debido a esta fuerte inmigración, en 1985 fue creado el término *brasiguayo* para describir a los brasileños y sus descendientes que residían en Paraguay (Albuquerque, 2010). El presente trabajo tiene como objetivo analizar la construcción de la identidad *brasiguaya* y las condiciones políticas, sociales, económicas y culturales que resultaron de la inmigración masiva de los brasileños al país vecino.

Between Brazil and Paraguay's borders: the construction of braziguayan identity

Keywords: Identity; Brasiguai; Boundaries, Brazil, Paraguay.

Abstract

Since the 1950's, many Brazilians migrated to the Paraguay due to lowest price of lands and better condition of life. Because of the favorable conditions, such as the ease in obtaining large amounts of land, Brazilian immigrants formed several colonies, introducing those regions their customs (their language, their music). By reason of strong immigration, in 1985

¹ Esse texto é uma versão melhorada da comunicação apresentada no *I Encontro Internacional Sociedade, Cultura e Fronteiras: interdisciplinaridade em foco*, realizado entre os dias 23, 24 e 25 de maio de 2013, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – Campus de Foz do Iguacu, Paraná, Brasil.

the term *brasiguayo* was created to describe the Brazilians and their descendants residing in Paraguay (Albuquerque, 2010). This article will examine the construction of the *brasiguaya*'s identity and the conditions (political, social, economic and cultural) that facilitated the massive immigration of Brazilians to the neighboring country.

Palavras - Chave: Identidade; Brasiguaios; Fronteira, Brasil, Paraguai.

Resumo

Desde a década de 1950, muitos brasileiros migraram para o Paraguai por conta dos baixos preços de terras e por melhores condições de vida. Por conta de distintas condições favoráveis, como a facilidade em obter grandes quantidades de terras, os imigrantes brasileiros formaram diversas colônias, introduzindo nas regiões onde se concentravam suas tradições culturais (sua língua, suas músicas). Por razão dessa forte imigração, em 1985 foi criado o termo *brasiguaios* para designar os brasileiros e seus descendentes que residiam no Paraguai (Albuquerque, 2010). O presente trabalho buscará analisar a construção da identidade *brasiguaios* e as condições políticas, sociais, econômicas e culturais que proporcionaram a imigração massiva dos brasileiros ao país vizinho.

Introdução

O termo *brasiguaios* é utilizado por uma parcela dos estudos acadêmicos, da imprensa e da sociedade, para identificar os migrantes brasileiros que residem no Paraguai. Desde a década de 1950, muitos brasileiros migram para o Estado paraguaio, atraídos por melhores condições de vida e pelos baixos preços de áreas cultiváveis. Esses indivíduos criaram colônias e introduziram suas tradições culturais na região, como a língua, as danças e a música. Essa política “imigrantista” foi desenvolvida durante o regime cívico-militar² do general Alfredo Stroessner (1954-1989), que buscava uma maior relação com o Brasil, pois tinha a intenção de garantir os projetos socioeconômicos, que tiveram início na década de 1920, e um apoio político, como forma de legitimação de seu governo. A estratégia de Stroessner, e também dos distintos governos brasileiros, era substituir os camponeses paraguaios, que em sua maioria eram descendentes de indígenas guaranis, por agricultores da

² Benjamín Arditi (1992) no ensaio *Adios a Stroessner, La reconstrucción de la política en el Paraguay* apresenta a ditadura de Alfredo Stroessner como um poder cívico-militar dominante na política e na sociedade paraguaia, pois o regime contou com o apoio expressivo de parte da sociedade civil e das forças armadas

região Sul do Brasil, descendentes de alemães e italianos. A justificativa dada era que esse grupo seria mais apto a transformar o Paraguai em um polo agrícola considerável (Wagner, 2003: 32).

A expressiva migração brasileira para solo paraguaio teria criado uma identidade *brasiguaiia*. Como apresenta José Lindomar C. Albuquerque (2010), esse conceito não pode ser visto como uma identidade fronteiriça e híbrida, formada pela junção de duas identidades nacionais, mas como ambígua e negociada, conforme os interesses dos brasileiros e seus descendentes na região. Os migrantes brasileiros não correspondem a um grupo homogêneo, pois existem entre eles grandes latifundiários, comerciantes e pequenos agricultores (Albuquerque, 2010: 227-228).

Entretanto, o termo *brasiguaiio* é uma designação complexa e problemática. Na década de 1990, dois jornalistas publicaram trabalhos sobre a massiva migração brasileira no Paraguai. Tanto José Luiz Alves (1990), quanto Cássia Cortês (1994), apresentam a visão de que o termo *brasiguaiio* corresponde aos cidadãos brasileiros que ocupam as regiões fronteiriças entre o Brasil e o Paraguai, além de afirmarem que esse espaço é de constantes conflitos entre os dois povos. Esses estudos, juntamente com o livro do jornalista Carlos Wagner (2003), contribuem para uma imagem estereotipada sobre o processo de ocupação desses territórios e a concepção equivocada e discriminatória da categoria de *brasiguaiio*.

Tendo em vista as questões apontadas acima, o presente trabalho buscará analisar a construção da identidade *brasiguaiia*, tomando como base inicial a perspectiva apresentada por Albuquerque (2010), e as condições políticas, sociais, econômicas e culturais que proporcionaram a migração massiva dos brasileiros ao Paraguai, através de uma discussão bibliográfica entre distintos autores.

As relações históricas entre Brasil e Paraguai (1920-1980)

Antes de tratarmos, especificamente, da problemática proposta, evidenciaremos o processo histórico da influência brasileira em terras paraguaias. A construção da identidade *brasiguaiia* estaria relacionada com a presença política, econômica e cultural do Brasil no Paraguai. Essa presença iniciou-se após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) e foi explorada com maior intensidade durante o governo de Alfredo Stroessner (Santos, 2012). Antes de entrarmos na questão da migração massiva dos brasileiros no Estado paraguaio, discutiremos brevemente a relação histórica entre Brasil e Paraguai.

Com a reorganização do Estado paraguaio, foram fundados os dois grandes partidos políticos do país: o Partido Liberal e o Partido Colorado (Associação Nacional Republicana), em 1887. Os liberais aproximaram-se do governo argentino, uma vez que os colorados eram simpáticos à política brasileira (Moraes, 2000: 19-21). Os colorados assumiram o poder no Paraguai de 1876 a 1904, onde foram derrotados pelos liberais, que assumiram até o ano de 1940³. Durante todo o período em que o país esteve sob a liderança liberal, o governo paraguaio estabeleceu fortes laços econômicos, políticos e culturais com a Argentina. Entretanto, alguns governos liberais dialogaram, consideravelmente, com o Brasil.

A partir de 1917, as relações entre Brasil e Paraguai passam a tomar um novo rumo: ambos se redescobriram diplomaticamente. Nesse ano, o chanceler e ex-presidente brasileiro Nilo Peçanha (1917-1918) deixou a política de passividade em relação ao país vizinho e buscou, inclusive, uma alternativa para perdoar a dívida paraguaia da Guerra da Tríplice Aliança. No Paraguai, que vivia sob o governo de Manuel Franco (1916-1919), os radicais gondristas (ligados ao ex-presidente Manuel Gondra, visto, juntamente com Eduardo Schaerer, como a verdadeira liderança política da época) deram mais atenção às políticas diplomáticas brasileiras, visto por eles como uma alternativa para reduzir a gasta e sufocante dependência do Paraguai frente à Argentina (Doratioto, 2012: 251).

Em outubro de 1917, o Itamaraty enviou para Assunção o ministro Antonio A. de Brienne C. do Nascimento Feitosa que tinha a visão de que o Paraguai, ao ser completamente deixado ao desamparo pelo Brasil, tornou-se um feudo da Argentina. Por essa razão, Feitosa defendia que o Brasil deveria reintroduzir sua influência no país vizinho, buscando diminuir a presença argentina na região. Os homens públicos no Paraguai, quando se alinharam a Argentina ou ao Brasil, tinham a intenção de obter vantagens no que se refere aos seus objetivos internos e não como resultado de uma adesão profunda e definitiva a um ou a outro país (Doratioto, 2012: 253).

Em 1918, Nilo Peçanha cogitou perdoar a dívida com o Paraguai, caso o país concedesse um porto à Bolívia. Essa proposta, segundo o chanceler, interessava não só aos bolivianos, mas também a paz e o progresso da região sul-americana. Diante disso, Peçanha colocou-se contrário ao perdão da dívida, pois essa atitude não geraria nenhuma mudança

³ É importante destacar que os governos liberais vão de 1904 a 1936, ano em que o Partido Febrerista assume o poder. Após alguns meses, em 1937, os liberais voltam através de um golpe de Estado organizado pelo marechal José Félix Estigarribia. A Revolução Febrerista surgiu como resultado do descontentamento de setores militares e civis ao final da Guerra do Chaco, entre os anos 1932 e 1935 (Moraes, 2000: 20-24).

estrutural, já que no Paraguai não havia nenhuma simpatia ao Brasil e essa atitude não alteraria isso. O governo paraguaio, à primeira vista, era a favor do perdão da dívida de guerra em troca da concessão territorial à Bolívia, porém os chefes do opositor Partido Colorado rechaçaram essa idéia, pelo simples fato de impedir o fortalecimento do governo liberal. A partir de um conflito diplomático entre militares argentinos, políticos paraguaios e diplomatas brasileiros, Nilo Peçanha preferiu abandonar o assunto do perdão da dívida de guerra. Dessa forma, o Paraguai deixou de se livrar da dívida, que só foi perdoada em 1943, e poderia ter evitado uma guerra com a Bolívia, que foi concretizada entre os anos de 1932 e 1936, no conflito bélico intitulado Guerra do Chaco (Doratioto, 2012: 255-257).

As relações entre Brasil e Paraguai tiveram um novo capítulo na década de 1920, quando o governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) tomou medidas para estreitar relações com o país vizinho, que vivia sob o governo do ex-chanceler Eusebio Ayala (1921-1923), que tinha uma visão positiva acerca do relacionamento com o Brasil, a fim de diminuir a influência da Argentina em seu país. Em 1922, o presidente brasileiro sancionou a lei do Congresso autorizando a ligação ferroviária e telegráfica entre o Brasil e o Paraguai. A ferrovia entre Assunção e Santos, litoral do estado de São Paulo, permitiria o acesso dos produtos manufaturados brasileiros no mercado paraguaio e em algumas províncias argentinas, o que provocou o descontentamento e a desconfiança da Argentina (Doratioto, 2012: 278).

Brasil e Paraguai novamente tiveram suas relações estremecidas e só conseguiram consolidá-las no final da década de 1930 e início dos anos de 1940. A construção de infraestruturas físicas de comunicação entre os dois vizinhos foi antecedida pelo estreitamento das relações culturais entre os governos de Getúlio Vargas (1930-1945) e Félix Paiva (1937-1939). Essas medidas culturais foram: a viagem de 25 estudantes universitários brasileiros para Assunção, em 1938; e a obrigatoriedade do idioma português no curso primário paraguaio, em 1939. O estreitamento das relações, que foram frustrados desde os anos de 1920, se concretizou com os acordos assinados durante o governo de Paiva e de Vargas (Doratioto, 2012: 437-441).

Na década de 1940, o relacionamento entre Brasil e Paraguai se aprofundou, sobretudo nos governos paraguaios de José Félix Estigarribia (1939-1940) e Higinio Morínigo (1940-1948). O ano de 1940 se caracterizou pelos bons desejos de estreitamento entre os países vizinhos e o desenvolvimento do comércio bilateral, através de canais financeiros. Com o

falecimento de Estigarribia e a ascensão do seu vice, Morínigo, o governo paraguaio deu continuidade ao bom relacionamento com o Brasil. Em 1941, os dois Estados assinaram dez convênios de cooperação, dos quais os mais importantes são: a construção e exploração da ferrovia entre Concepción e Pedro Juan Caballero; a concessão de créditos que facilitaria o intercâmbio comercial entre as duas nações; o tráfico fronteiriço; o estabelecimento em Santos, de um depósito franco para as mercadorias exportadas ou importadas pelo Paraguai, tornando a cidade paulista como um porto franco para o comércio exterior paraguaio; e o intercâmbio cultural entre os dois países (Doratioto, 2012: 443-449).

Esses convênios eram resultados de um longo processo que teve início na década de 1920 e, além de fortalecer o governo de Morínigo, equilibrou o comércio da região e colocou fim à hegemonia econômica argentina no Paraguai (Doratioto, 2012: 449). Entre 1941 e 1945, as relações entre Brasil e Paraguai ficaram cada vez mais consolidadas, tendo como motivação principal a convergência ideológica autoritária dos governos de Vargas e Morínigo. Com a queda de Vargas, em 1945, o presidente eleito, Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), pressionou discretamente o regime de Morínigo para uma redemocratização do país, fazendo com que o governo paraguaio se voltasse para a Argentina, ao pedir ajuda ao presidente no período, Juan Domingo Perón (1946-1955). As aproximações do Brasil com seu vizinho só serão restabelecidas com o início do regime de Alfredo Stroessner, em 1954, que concluiu as obras de infra-estruturas rodoviárias e o acesso aos portos brasileiros, colocando um fim à dependência exclusiva do porto de Buenos Aires. Dessa forma, os projetos pensados pelos dois países nos anos de 1920 foram consolidados com a ascensão do governo stronista (Doratioto, 2012: 526-527).

Logo após assumir o governo, Stroessner começou a se reaproximar do Brasil. Primeiramente, exonerou políticos de tendência pró-Argentina ou ligados ao peronismo (movimento político argentino criado e liderado por Juan Perón) e depois nomeou Raul Sapeña Pastor (pró-Brasil) para o posto de Ministro das Relações Exteriores. Esse seria um passo importante para criar uma maior intimidade entre o Brasil e o Paraguai (Menezes, 1987: 50). Assim, Stroessner recriou a estratégia de criar um novo pulmão econômico para o país e minimizar a antiga subordinação à Argentina.

A aproximação entre os dois países foi consolidada, de fato, em dois períodos históricos brasileiros: durante o governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960); e do regime cívico-militar (1964-1985). Sob a administração de Kubitschek, o Brasil firmou acordos com o

Paraguai, onde surgiram dois importantes projetos que consolidariam a integração tão sonhada pelas duas nações: uma rodovia que ligaria a capital paraguaia a outras vias de comunicação brasileira; um porto franco em Paranaguá, litoral do Paraná; e o projeto de construção da Ponte Internacional da Amizade (1956-1965), que ligaria os dois “irmãos”, dando início a uma relação econômica, cultural e política entre os países em questão (Menezes, 1987: 51-53).

Já durante o regime cívico-militar brasileiro, o projeto mais importante, e o que estabeleceu uma “eterna” aliança entre os dois países, foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu (1974-1983). Durante esse período, os dois governos protagonizaram consideráveis parcerias e embates de cunho internacional, principalmente os problemas em relação à demarcação territorial do Salto Grande das Sete Quedas, as intensas discussões envolvendo o direito a certas áreas do Rio Paraná e a questão da ciclagem da Usina de Itaipu (Albuquerque, 2010: 62-63).

O historiador Alfredo da Mota Menezes, em seu livro *A herança de Stroessner* (1987), ao analisar a conjuntura política do período tratado acima, coloca que esses conflitos, no campo das relações internacionais, tiveram pontos positivos, como aproximar as relações políticas e econômicas entre dois países “inimigos” (Brasil e Argentina), e afirmar a importância do Paraguai para os seus vizinhos, ao destacar suas estratégias e seus jogos diplomáticos, pois teria conseguido todas as reivindicações que fez durante essa fase específica⁴.

É importante deixar claro que as opiniões de Menezes são fundamentadas na tese de que o Paraguai não foi uma vítima de seus vizinhos, pelo contrário, percebeu que era um elemento estratégico entre o governo argentino e brasileiro, e por isso saiu vitorioso em todas as reivindicações realizadas. Deixaremos claro que essa forma de observar essa conjuntura é totalmente parcial, já que o autor define o governo paraguaio com características quase maquiavélicas. O mais provável é que nesse jogo diplomático não havia “vilões” ou “heróis”, a partir de uma ótica utilitarista e dualista, mas sim interesses que cada país possuía e que se acentuaram por conta do período político, econômico e social que cada um vivia nesse período (os três países viviam governos autoritários, que tinham um discurso altamente nacionalista).

⁴ Menezes trata dessas questões nos três capítulos centrais de seu livro (“A questão sobre Sete Quedas e sua consequência”, “A visita de Geisel a Assunção e o desentendimento argentino-brasileiro sobre Itaipu”, e “O ‘affair’ ciclagem”).

As relações entre o Brasil e o Paraguai foram pautadas por motivos econômicos e geopolíticos. No caso brasileiro, o país queria ter uma maior influência na área da Bacia do Prata para desenvolver suas políticas econômicas. No caso do Paraguai, o governo queria uma nova alternativa, respirar por um “novo pulmão”, já que dependia quase exclusivamente da Argentina (Menezes, 1987: 163-164). A histórica reaproximação entre a nação paraguaia e brasileira possibilitou, em todos os campos possíveis (culturalmente, economicamente e politicamente), um grande êxito para o projeto desenvolvido por Stroessner e pelo Brasil ao longo da segunda metade do século XX.

Essa secção histórica sobre o processo de relação entre Brasil e Paraguai tem um peso explicativo na análise do movimento migratório de brasileiros ao Paraguai. A intenção nessa primeira parte foi apenas evidenciar um estado de arte sobre os trabalhos que tratam sobre o tema, sem a intenção de aprofundarmos nesses assuntos. Um dos frutos da reaproximação Brasil- Paraguai no governo stronista, foi a elaboração de uma política imigrantista que inseriu na nação paraguaia inúmeros brasileiros. Trataremos, a seguir, dessa “invasão” no território paraguaio.

O processo de “invasão” brasileira no Paraguai

A expressiva presença de cidadãos brasileiros em território paraguaio é recente, já que tem início em meados da década de 1950. Entretanto, há relatos evidenciando que a migração ao Paraguai não era uma novidade. Durante o Estado Novo (1937-1945), alguns vários documentos comprovam a migração de diversos brasileiros para terras paraguaias, utilizando como via de acesso a cidade de Foz do Iguaçu, no estado do Paraná.

Geremias Lunaderdelli, o “rei do café”, teria sido o primeiro fazendeiro a comprar terras no Paraguai. Conhecido por colonizar uma grande parte do estado paranaense e por seu exímio conhecimento nas técnicas de produção agrícola, Lunaderdelli enviou uma carta ao presidente Vargas pedindo permissão para explorar as terras do país vizinho. Após receber a autorização do governo paraguaio e brasileiro, o agricultor adquiriu imensos hectares em território paraguaio, inserindo a cultura do cultivo de café no país (Menezes, 1987: 133-136).

A entrada massiva dos brasileiros no Paraguai começou na década de 1960 e se intensificou em meados da década de 1970. É importante ressaltar que esse território fronteiriço não era um espaço inóspito, pois era ocupado por camponeses paraguaios e indígenas, antes da “invasão” brasileira. Como levanta o jornalista brasileiro Julio José

Chiavenato (1980), calcula-se que cerca de 300 mil brasileiros se encontravam na região fronteira paraguaia, entre os anos 1970 e 1980 (Chiavenato, 1980: 180). Já o historiador britânico Andrew Nickson (1989) afirma que o processo de migração brasileira para o Paraguai corresponde o resultado do Tratado de Itaipu, assinado em 1973, e calculou que cerca de 250 mil colonos migraram para a região leste paraguaia (Nickson, 1989: 193).

O jornalista paraguaio Bernardo Neri Farina (2003), afirma que os colonos brasileiros monopolizaram as áreas de produção agrícola desde a região de Itapúa até Amambay, plantando e comercializando soja. De acordo com Neri Farina, na década de 1980 havia 42 colônias brasileiras em Itaipúa e no Alto Paraná, vivendo nesses departamentos cerca de 420 mil migrantes brasileiros (Neri Farina, 2003: 119). Segundo Marta Izabel Fiorentin (2010), os migrantes brasileiros localizam-se principalmente nos departamentos do Alto Paraná, Canindeyú, Amambay, Itapua, Caaguazu e Caazapá. Conforme mostra o censo de 2002, citado pela autora, apenas 81.592 imigrantes brasileiros foram registrados, sendo que 72.795 vivem nos departamentos mencionados acima (Fiorentin, 2010: 73).

Os números atuais da presença brasileira em território paraguaio não são totalmente certos, pois existem cálculos por cima e cálculos por baixo. Estima-se que cerca de 300 mil brasileiros ocupam o território paraguaio. Além disso, esses dados não são confiáveis, pois muitos brasileiros cruzavam a fronteira sem o conhecimento das autoridades paraguaias. A falta de credibilidade dos censos do Paraguai e da IBR também contribui para a incerteza de quantos migrantes avançaram as fronteiras do Brasil e se inseriram em território paraguaio.

Um dado interessante é que grande parte desses migrantes são oriundos, principalmente, de quatro principais estados brasileiros: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo (Pébayle, 1994: 73-74). A figura 1 apresenta que os brasileiros que migravam para o Paraguai, entre os anos de 1986 e 1991, eram oriundos, em grande parte, dos seguintes estados: Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio Grande do Sul. Além disso, o gráfico mostra os migrantes que retornaram para o Brasil, evidenciando que eram originários desses estados mencionados anteriormente. Entretanto, outros estudos mostram que a porcentagem atual de imigrantes brasileiros em solo paraguaio gira em torno de 80 mil, como bem mostra a figura 2.

Figura 1 - Estados brasileiros de destino dos imigrantes e retornados do Paraguai entre 1986/1991 e 1995/2000
(Marques, 2009: 64).

Unidades da Federação selecionadas	1986/1991			1995/2000		
	Imigrantes (a)	Retornados (b)	% (b)/(a)	Imigrantes (a)	Retornados (b)	% (b)/(a)
São Paulo	922	615	66,7	1.639	1.032	63,0
Paraná	4.276	3.625	84,8	20.815	17.077	82,0
Santa Catarina	281	212	75,4	2.253	1.791	79,5
Rio Grande do Sul	505	457	90,5	1.029	739	71,8
Mato Grosso do Sul	4.063	3.203	78,8	6.401	5.065	79,1
Mato Grosso	154	129	83,8	2.092	1.875	89,6
Demais UFs	530	416	78,5	1.214	839	69,1
Total de retornados	10.731	8.657	80,7	35.443	28.418	80,2

Fonte dos dados básicos: IBGE. Censos Demográficos de 1991 e 2000.

Fonte dos dados básicos: IBGE. Censos demográficos de 1991 e 2000.

Figura 2 - População total de paraguaios por departamento, assim como de imigrantes internacionais e de brasileiros entre os anos de 1992 e 2002 (Marques, 2009: 90).

Departamentos	1992					2002				
	População total (a)	Total de imigrantes internacionais (b)	Percentual (b)/(a)	Brasileiros (c)	Percentual (c)/(b)	População total (a)	Total de imigrantes internacionais (b)	Percentual (b)/(a)	Brasileiros (c)	Percentual (c)/(b)
Concepción	167.289	3.200	1,9	2.886	90,2	179.450	2.090	1,2	1.702	81,4
San Pedro	280.336	2.761	1,0	336	12,2	318.698	2.874	0,9	785	27,3
Cordillera	198.701	1.155	0,6	65	5,6	233.854	2.080	0,9	147	7,1
Guairá	161.991	1.459	0,9	283	19,4	178.650	2.069	1,2	237	11,5
Caaguazú	386.412	8.240	2,1	5.728	69,5	435.357	7.328	1,7	4.227	57,7
Caazapá	129.352	3.524	2,7	3.082	87,5	139.517	3.192	2,3	2.313	72,5
Itapúa	377.536	17.635	4,7	6.966	39,5	453.692	17.290	3,8	5.313	30,7
Misiones	89.018	1.078	1,2	62	5,8	101.783	1.520	1,5	81	5,3
Paraguari	208.527	1.221	0,6	72	5,9	221.932	1.971	0,9	92	4,7
Alto Paraná	406.584	61.718	15,2	53.205	86,2	558.672	46.499	8,3	37.824	81,3
Central	866.856	20.890	2,4	1.274	6,1	1.362.893	30.543	2,2	2.712	8,9
Neembucú	69.770	1.377	2,0	9	0,7	76.348	2.195	2,9	44	2,0
Amambay	99.860	7.694	7,7	7.232	94,0	114.917	6.647	5,8	6.186	93,1
Canindeyú	103.785	26.181	25,2	24.517	93,6	140.137	17.392	12,4	16.454	94,6
Presidente Hayes	64.417	1.235	1,9	71	5,7	82.493	1.350	1,6	94	7,0
Alto Paraguay	11.723	200	1,7	150	75,0	11.587	349	3,0	307	88,0
Chaco	433	2	0,5	0	0,0
Nueva Asunción	1.450	36	2,5	4	11,1
Boquerón	27.610	2.025	7,3	154	7,6	41.106	1.911	4,6	315	16,5
Asunción	500.938	29.098	5,8	2.430	8,4	512.112	25.124	4,9	2.759	11,0
Total	4.152.588	190.729	4,6	108.526	56,9	5.163.198	172.424	3,3	81.592	47,3

Fonte dos dados básicos: DGEEC, Censo Nacional de Población y Viviendas 1992 y 2002.

Fonte dos dados básicos: DGEEC, Censo Nacional de Población y Vivienda 1992 y 2002.

Devidos aos problemas socioeconômicos que o Brasil vivia nessa época e juntamente com o problema das terras apropriadas para a construção da Usina de Itaipu⁵, milhares de brasileiros, atraídos pelas facilidades de créditos na compra de terras baratas, migraram para o Paraguai construindo colônias, influenciando na sociedade, na política, na economia e - principalmente - implantando sua cultura e suas tradições, como a língua portuguesa e as festas típicas⁶. Por cerca de três décadas, os *brasiguaios* exerceram o domínio econômico, social, cultural e político na região fronteiriça do Paraguai. Após o término da construção de

⁵ Quase todo o capital usado para a compra das propriedades rurais paraguaias teve origem na venda de terras para o governo brasileiro, devido a construção de Itaipu, e a venda de propriedades de outras regiões brasileiras.

⁶ Essas informações são encontradas nas obras de Albuquerque, Chiavenato, Menezes e no texto de Fabio dos Santos. No que tange aos fatores históricos, no ano de 1963, o governo stronista criou o IBR (Instituto de Bienestar Rural), que tinha como características desenvolver a questão agrária e o povoamento da região, facilitando a obtenção das terras do país.

Itaipu, como recesso e a crise econômica que atingiram o Estado paraguaio, o número de brasileiros no país começou a cair. Apesar dessa queda, estima-se que, como levantado acima, 300 mil brasileiros vivem atualmente no país vizinho, apesar desse número ser refutável.

Fiorentin afirma que a migração de brasileiros alterou consideravelmente a visão do mapa político da nação paraguaia, modificando toda a rigidez de seus limites políticos e redefiniu a sua representação nacional. Dessa maneira, as regiões que antigamente apresentavam baixa densidade demográfica, possuem atualmente fortes núcleos de povoamento. Assim, novas formas culturais, sociais e políticas foram colocadas em movimento histórico e espacial. Os agricultores fronteiriços, a partir da década de 1970, estabeleceram diversas formas de circulação na região, caracterizada como um espaço de confluência entre os dois países. Apesar disso, esse território seria marcado por uma fusão de culturas entre os países vizinhos e um local de disputas políticas e econômicas entre os dois governos com um nível de desenvolvimento econômico desigual. Esse desequilíbrio da estruturação social tenderia a refletir nas relações entre brasileiros e paraguaios, viabilizando as diferenças existentes entre os dois países (Fiorentin, 2010: 73-74).

Apesar de todas essas questões, a presença e a influência dos *brasiguaios* ainda é forte no país. Três importantes autores tratam dessa influência na sociedade paraguaia: José Lindomar C. Albuquerque; Alfredo da Mota Menezes; e Julio José Chiavenato. Embora apresentem visões distintas, esses pesquisadores narram bem o impacto que a imigração brasileira gerou no Paraguai e os processos de formação de um hibridismo cultural.

O termo hibridismo cultural é utilizado pelo historiador britânico Peter Burke, em seu livro *Hibridismo Cultural* (2003), onde afirma que o processo de globalização cultural envolve a hibridização. Segundo Burke, esse processo de hibridização pode ser encontrado na esfera econômica, política, social e cultural. A hibridização cultural, para o autor, incluiria a perda de tradições regionais e das raízes locais (Burke, 2003: 14-18). Tendo em vista essas questões, afirmamos que o processo natural de trocas culturais entre os paraguaios e brasileiros nas regiões fronteiriças entre os dois países corresponde a formação de um hibridismo cultural e reflete na construção de uma identidade ambígua e flexível.

O hibridismo cultural na fronteira Brasil/Paraguai: a construção da identidade brasiguiaia

O termo de identidade é extremamente complexo e apresenta diversas vertentes de interpretação. O processo de construção da identidade é uma preocupação característica da vertente historiográfica da Nova História Cultural. Essa intensa preocupação está relacionada a uma “política de identidade”, que se tornou uma questão relevante em diversos países (Burke, 2005: 116). Os historiadores vêm mostrando, com essas angústias, um interesse cada vez mais amplo em captar os indivíduos no ato de construir distintas identidades para si mesmas, “passando” pelo que não são (branco, homem, burguês, etc.) (Burke, 2005: 119).

Nossa função não é analisar profundamente o significado do conceito em questão, mas tentar buscar autores que melhor definem o termo. Utilizaremos a explicação de Federico Navarrete, no livro *Las relaciones étnicas en México* (2004), que distingue a categoria de identidade. Resumidamente, o autor afirma que a identidade é uma imposição terminológica, onde as próprias pessoas escolhem quem *são* e o que significa ser isso que são (Navarrete, 2004: 23-24). Ou seja, os indivíduos possuem total liberdade para escolherem diversos grupos sociais e, dessa maneira, formar sua própria identidade, que seria moldável e mutável.

Diversos pesquisadores afirmam que os indivíduos possuem diversas identidades e que estas estão associadas aos distintos grupos que pertencemos ao longo de nossa vida (Navarrete, 2004: 24). Já que os sujeitos possuem distintas categorias identitárias, adotaremos a concepção de identidades nacionais para podermos explorar o caso dos brasiguaios. As identidades nacionais se vêm atravessadas por esse problema de origem. Desde as independências, as elites latino-americanas aspiravam consolidar sua dominação sobre a sociedade, baseada em uma identidade homogênea que se garantisse como a hegemonia política. Desse modo, se postularam como possuidoras do “espírito civilizador branco” e a “razão letrada”, os quais lhe conferiam legitimidade para situarem-se sobre os negros, índios e mestiços, e, assim, justificarem seu poder. A repetição de imagens, de símbolos e dos valores nos discursos dominantes pretendia construir uma identificação nacional que lhes reservasse esse lugar de privilégio (Prado, 2008: 583-584).

Assim, a identificação nacional é uma derivante das identidades culturais presentes na vida dos sujeitos. As culturas nacionais são uma das mais importantes fontes da identificação cultural (Hall, 2005: 47). As identidades nacionais configuram a junção da condição de cidadão, enquanto membro do Estado - Nação, e a identificação com a cultura nacional. Ou seja, as percepções identitárias nacionais são pautadas por um vínculo político e pessoal. Dessa forma, podemos afirmar que as identidades nacionais não são conceitos estáveis, pelo

contrário, são termos que são modificadas através do jogo de poder estabelecido em algum período específico. Além disso, é importante ressaltar que as culturas nacionais utilizam de técnicas que transformam as diferenças em identidades. Explicando melhor: as culturas nacionais “costuram” as diferenças entre os mais distintos grupos em uma única identidade, que está ligada ao Estado – Nação (Hall, 2005: 58-65).

Essa concepção de Stuart Hall (2005) ajudaria a pensar nos motivos que ajudaram na formação de uma identidade *brasiguaiia*. As disputas devido a interesses econômicos e geopolíticos entre os imigrantes brasileiros e os paraguaios geraram a construção de uma alteridade, que tinha como função representar os “nós” e os “outros”. Entre a sensação de conflito ou integração, foram elaboradas diversas estratégias políticas de identidade na região fronteiriça. As identidades nacionais (brasileira, paraguaia e *brasiguaiia*) atendem interesses políticos e econômicos, conforme as questões em jogo, e estão presentes no cotidiano da fronteira (Albuquerque, 2010: 199-200). Os conflitos existentes nessa região são decorrentes de quatro elementos: a nacionalidade; a língua; as tradições; e a cultura. Essas questões são características das identidades, seja ela cultural, ou nacional. A predominância da língua portuguesa, a existência de músicas brasileiras nas rádios, os diversos bailes gaúchos e a introdução de canais televisivos, ajudariam a acentuar essas rivalidades, gerando um sentimento de fortalecimento de um nacionalismo específico (brasileiro ou paraguaio) ou um sentimento híbrido, ao juntar essas duas identidades nacionais.

Albuquerque, no capítulo “As identidades fronteiriças”, de seu livro *A dinâmica das fronteiras* (2010), discute essencialmente com esses fatores levantados acima, onde a introdução dos modos de viver, culturais, tradicionais dos brasileiros geraram um choque para a população fronteiriça paraguaia, que entrou em crise, por conta do hibridismo cultural, reforçando sua identidade ou estabelecendo, através dos discursos, uma identidade híbrida, que apesar de ser pertencente biologicamente ao Brasil, se sente paraguaia. Em outras palavras, não importava se esses sujeitos tivessem nascidos em território brasileiro, mas o que contava era a sua identificação com a sociedade paraguaia. Aqui podemos aplicar a definição de Navarrete, onde o indivíduo possui total liberdade para escolher seus grupos e moldar sua própria identidade, pautada em sua experiência e sua trajetória.

Adiante, Albuquerque afirma que a identificação *brasiguaiia* é altamente imprecisa, e que essa categoria estaria ligada a esses sentidos: ao migrante pobre que foi para o Paraguai, não obteve êxito, e retornou ao Brasil; aos grandes fazendeiros brasileiros em território

paraguaio; aos filhos de imigrantes nascidos na nação vizinha e com nacionalidade paraguaia; aos imigrantes e descendentes que misturaram os elementos entre a cultura paraguaia e brasileira; e a todos os brasileiros que vivem no Paraguai. Esse termo (*brasiguai*) foi criado em 1985, no contexto da volta dos primeiros grupos de imigrantes ao Brasil, pois teriam sido expulsos, decorrente da alta concentração de terras, da mecanização da agricultura e do fim dos créditos e dos benefícios econômicos cedidos pelo governo paraguaio (Albuquerque, 2010: 228).

O termo *brasiguai* nasceu inicialmente, com os grupos brasileiros que foram “vítimas” dos processos de expulsões da nação e expropriados de direitos civis e políticos nos dois países em questão. Dessa forma, essa nova identidade foi construída por conta da ausência da cidadania entre o Paraguai e o Brasil, e a identificação com os símbolos e as tradições oriundas da sociedade brasileira (como o hino e a bandeira). Após 1985, os *brasiguaios* foram vistos como “perigosos” pelas autoridades políticas e pelos fazendeiros brasileiros de municípios que fazem fronteira com o Paraguai (Albuquerque, 2010: 228-230).

Há, portanto, uma mudança paradigmática na concepção de *brasiguaios*, atendendo o jogo dos poderes políticos e econômicos de uma determinada época. O conceito de identidade nacional estaria associado a três termos relacionados com os estrangeiros: imigração; integração; e co-desenvolvimento (quando residem em seus países) (Todorov, 2010: 98). A identidade *brasiguai* estaria ligada a essas três questões e isso ajudaria a entender o caso em questão.

A tensão entre os conceitos de classe, etnia e nação poderia ajudar a compreender as ambiguidades presentes na identidade *brasiguai*. Um exemplo está na volta dos brasileiros do Paraguai, onde se identificavam como camponeses (sem terra), que implantaram os símbolos nacionais e reivindicavam a identidade *brasiguai*. Esse conceito está sendo redefinido a partir das constantes negociações da ação política do período (Albuquerque, 2010: 230-235). As identidades, segundo Albuquerque, são analisadas a partir das diferenças entre os grupos de uma determinada área. Assim, as diversas identidades seriam presentes em determinada região (Albuquerque, 2010: 235). As fronteiras seriam a área onde esses conflitos estariam inseridos, e assim gerariam distintas identidades em comum. Esses espaços estão propícios para desenvolverem um hibridismo cultural e um choque de identidades.

Entretanto, como mostram Albuquerque (2010), Fiorentin (2010) e Waldir Aragão do Nascimento (2012) em seus trabalhos, a identidade *brasiguai*, assim como o conceito

referente a essa terminologia, não é utilizada pelos brasileiros residentes no Paraguai. Como bem evidencia Nascimento, grande parte dos brasileiros que reside nas regiões paraguaias não se identifica como *brasiguaios*, mas como brasileiros que vivem na fronteira. Esses agricultores classificam como *brasiguaios* os filhos de paraguaios e brasileiros, sendo que muitas vezes esses descendentes se identificam mais como paraguaios ou mais como brasileiros, dependendo de um momento específico. Como bem conclui o autor, a categoria de *brasiguai* é manipulada e ressignificada, servindo como um instrumento discursivo, dando sentido e significado às relações socioculturais do cotidiano dessas populações (Nascimento, 2012: 99).

Discordamos do termo manipulações, pois acreditamos que, nesse caso, há uma tática utilizada pelos agricultores e fazendeiros, dependendo de suas necessidades e da conjuntura em que estão inseridos. Como bem apresenta o historiador francês Michel de Certeau (1980), a tática é a ação calculada em determinados momentos ausência de um algo próprio. Assim, a tática tem por lugar a ação do outro, que são desenvolvidas dentro do terreno que lhe é imposto, ou seja, seria um movimento “dentro do campo da visão do inimigo” (Certeau, 1990: 100). O uso do termo *brasiguai* pelos migrantes brasileiros em território paraguai faz parte de uma tática estabelecida por estes. Muitos se reconhecem como brasileiros de fronteira, porém quando surge algum problema, logo se identificam como *brasiguaios* ou paraguaios, reivindicando, dessa forma, algum direito sobre as leis do Paraguai.

Acreditamos que exista uma identidade *brasiguai*, consolidada majoritariamente pelo discurso midiático e acadêmico, mas essa concepção identitária é instável e serve como tática para os brasileiros quando lhes convém. Como bem mostra os três trabalhos citados no penúltimo parágrafo, os brasileiros, em sua grande maioria, não se auto-identificam como *brasiguaios*, negando essa categoria e se conhecendo ora como brasileiros, ora como paraguaios, dependendo da conjuntura em que estão inseridos. Outros brasileiros utilizam o termo *brasiguai*, pois sendo uma categoria negativa em ambos os lados da fronteiras, muitos o usam essa categoria como uma forma de negociação diante de um problema específico do cotidiano desses grupos.

Considerações finais

A região que corresponde as fronteiras entre o Brasil e o Paraguai pode ser considerada como uma fronteira cultural, que muitas vezes possui uma cultura própria. Em resumo, as

fronteiras seriam palcos de encontros culturais (Burke, 2005: 154). Indo mais além da percepção de Peter Burke, podemos considerar que as áreas fronteiriças também possuem identidades múltiplas e moldáveis. Nessas regiões não haveria apenas o encontro cultural, mas o processo de identificação dos sujeitos em relação aos distintos grupos existentes.

É interessante observar, mesmo que brevemente, como a formação dessa identidade criada por certos grupos sociais ressoa atualmente. Basta lembrarmos a posição dos presidentes recentes, que agregam em seus discursos a questão dos *brasiguaios*. Durante o governo de Fernando Lugo (2008-2012), o presidente garantia, em seu discurso, a posse das terras aos *brasiguaios*. Essa posição também pode ser vista na fala dos presidentes Federico Franco (2012-2013) e Horacio Cartes (2013-2017). Os presidentes brasileiros Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2018) também garantiam e garantem direitos aos *brasiguaios*, sempre mantendo um diálogo com estes agricultores e com as autoridades paraguaias.

O trabalho buscou, de certa forma, evidenciar os processos históricos que deram suporte para que a identidade *brasiguaiia* fosse desenvolvida e apresentar discussões importantes para o cenário político e econômico do tempo presente. Os *brasiguaios* se constituíram como uma expressiva força política para a sociedade paraguaia, sendo em sua maioria filiados e eleitores do Partido Colorado. Durante a ditadura, esses migrantes apoiavam o governo de Stroessner. Também questionamos, em nosso texto, a identificação como *brasiguaios* pelos brasileiros, que rechaçam esse termo, utilizando-o sempre quando convém. Essa identidade é vista como negativa e aplicada mediante uma conjuntura específica.

Uma identidade é construída a partir da relação do “eu” e do “outro”. Sempre tomamos como parâmetro o outro para legitimar ou fortificar nossa identidade. Por isso que, sempre quando convém legitimar a identidade brasileira, os agricultores se reconhecem como brasileiros. Sempre quando é preciso legitimar uma identidade paraguaia, esses sujeitos se afirmam paraguaios. E, quando é necessário reafirmar uma identidade *brasiguaiia*, esses indivíduos se intitulam como *brasiguaios*. Há em muitos estudos acadêmicos, sobretudo aos das décadas de 1990, a falta da alteridade, do reconhecimento do “outro”, da compreensão da realidade social em que um certo grupo está inserido. Além disso, até que ponto a identidade *brasiguaiia* é utilizada pelos agricultores brasileiros? Qual a força política que esse grupo exerce no país? Qual a importância para a discussão em torno dessas identidades fronteiriças?

Qual a verdadeira intenção da presença dos brasileiros no território paraguaio? Esses são alguns questionamentos levantados durante a elaboração desse trabalho.

Referências bibliográficas

- Arditi, B. (1992). *Adíos a Stroessner. La Reconstrucción de la política en el Paraguay*. Asunción: Centro de Documentación y Estudios (CDE).
- Albuquerque, J. (2010). *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume.
- Alves, J. L. (1990). *Brasiguaios: Destino Incerto*. Rio de Janeiro: Global Editora.
- Burke, P. (2003). *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos.
- Burke, P. (2005). O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Chiavenato, J. (1980). *Stroessner: retrato de uma ditadura*. São Paulo: Brasiliense.
- Cortêz, C. (1994). *Os Brasiguaios*. São Paulo: Brasil Agora.
- Doratioto, F. (2012). *Relações Brasil-Paraguai: afastamento, tensões e reaproximação (1889-1954)*. Brasília: FUNAG.
- Fiorentin, M. I. (2010). *A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)*. (dissertação de mestrado). Curitiba: UFPR.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Marques, D. (2009). *Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil: o estudo de caso dos "brasiguaios"*. (tese de doutorado). Belo Horizonte, MG: Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG.
- Menezes, A. (1987). *A herança de Stroessner: Brasil - Paraguai, 1955-1980*. São Paulo: Papirus.
- Moraes, C. (2000). *Paraguai, a consolidação de Stroessner 1954-1963*. Porto Alegre: Edipuc - RS.
- Nascimento, V.A. (2012). *"Yo soy paraguayo, chamigo": breve estudo sobre a identidade no Paraguai*. (dissertação de mestrado). Dourados, MS: UFGD.
- Navarrete, F. (2004). *Las relaciones étnicas en México*. México: UNAM.
- Neri Farina, B. (2003). *El último supremo: la crónica de Alfredo Stroessner*. Paraguay: El Lector.

Nickson, A. (1989). The Overthrow of the Stroessner Regime: Re-Establishing the Status Quo. *Bulletin of Latin American Research*, Vol. 8, No. 2, 185-209.

Pébayle, R. (1994). Les Brésilguayens, migrants brésiliens au Paraguay. *Revue européenne de migrations internationales*. Vol. 10. N°2, 73-74

Prado, M. (2008). Identidades Latinoamericanas. En Ayala Mora, E. *Historia General de América Latina*, vol. VII, *Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación, 1870-1930* (pp.583-584). Madrid: Unesco/Trotta.

Santos, F. (2012). *A questão dos brasiguaios e os dilemas da hegemonia regional brasileira*. (O texto está no prelo e foi gentilmente cedido pelo autor). Texto para Discussão (IPEA. Brasília).

Todorov, T. (2010). *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Wagner, C. (2003). *País bandido: crime tipo exportação*. Porto Alegre: RBS Publicações.